

Fronteiras, Questões de Gênero & Travel Writing: Soledad Acosta de Samper vai à Espanha (1892)

Thaís Mendes Moura Carneiro¹²¹

RESUMO: A presente pesquisa tem por objetivo investigar o projeto intelectual relativo aos temas de identidade e de integração nacionais em fins do século XIX, por meio do cotejamento dos relatos de viagem, produzidos pela escritora e historiadora colombiana Soledad Acosta de Samper. Trata-se de *Viaje a España*, organizado em dois volumes, relativos à sua viagem à Espanha por ocasião do IX Congreso Internacional de Americanistas e do V Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano, publicados em Bogotá em 1892. Ademais, nos interessa a análise de sua apresentação em Madri, “Concepto y límites de la educación de la mujer y de la aptitud profesional de ésta”, executada na referida jornada. Estruturamos a presente investigação no estudo aguçado das “escritas de si” por meio das fontes citadas, aliada ao aporte teórico-metodológico oferecido pela História Intelectual e da História das Relações de Gênero, com o intuito de compreender os meandros percorridos por essa escritora em suas inserções nas esferas intelectual e cultural, diante da especificidade de ser uma mulher ocupando espaços intelectuais predominantemente masculinos.

Palavras-chave: escrita de viagem, relações de gênero, pós-colonialidade.

A viagem e o viajante

Como um espaço marcado pela fluidez e circulação de saberes, a viagem traz ao viajante um leque de novidades, em que olhares, texturas, sons e cores se hibridizam junto ao que lhe é conhecido. Seja no espaço urbano rural ou urbano, o viajante se permite atravessar mundos e refletir sobre eles. Um conceito-chave para pensar a questão é o de transculturação proposto pela historiadora Mary Louise Pratt¹²², em que o viajante mergulha nas chamadas zonas de contato, lugares em

121 Mestranda em História Social pela Universidade de São Paulo (PPGHS - USP) sob orientação da Professora Doutora Stella Maris Scatena Franco. Email para contato: thais.carneiro@usp.br

122 PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999.

que sujeitos históricos que compartilham contextos históricos e espaços geográficos distintos se cruzam, chocando-se com as descontinuidades que observam no Outro. Assim, é a partir das relações que os indivíduos constroem com o Outro é que eles se constituem a si mesmos.

As imagens construídas sobre o que é considerada a civilização e a sua antagonista, a barbárie, se estabelecem em um jogo transcultural¹²³, em convergência com a cultura imperial, discussão trazida por Edward Said em sua obra *Cultura e Imperialismo*¹²⁴. Diante de uma lógica de afirmação de identidades, circulação de ideias e enunciados, os discursos de autoridade são mobilizados para legitimar nacionalismos. A força simbólica da cultura imperial acaba por legitimar a violência sobre territórios e populações. Em diálogo com essa questão, temos Benedict Anderson, com sua obra *Nação e Consciência Nacional*¹²⁵, apontando como as nações são comunidades imaginadas, construídas de modo a serem naturalizadas, apesar de recentes historicamente.

Em um mundo marcado pelos deslocamentos de pessoas e informações como é o do momento presente, pensar como questões que nos são caras, encontravam ruído já no final do século XIX é um ponto interessante. A colombiana Soledad Acosta de Samper, em seu relato de viagem *Peregrinaciones en Francia*¹²⁶, critica aqueles sujeitos que rotula como “simples turistas”, envolvidos em meio a um turismo de multidão. Há uma necessidade de se afirmar enquanto viajante, em um contexto em que as viagens começam a se popularizar, por uma questão de prazer e lazer também. Se esse turismo de massa lhe incomoda, os viajantes precursores que encabeçavam os chamados “Grand Tours”¹²⁷, a partir do século XVIII, lhe interessam mais. Sônia Serrano em seu livro “Mulheres Viajantes” levanta uma diferenciação interessante, que dialoga com esse incômodo de Acosta de Samper, “cada explorador, viajante e turista realiza efetivamente uma viagem, mas enquanto o explorador buscava o desconhecido, o viajante procura o que já foi descoberto

123 Idem, *ibidem*.

124 SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

125 ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

126 ACOSTA DE SAMPER, Soledad. *Viajes, Peregrinaciones en Francia*. Biblioteca Nacional da Colombia: Bogotá, 1861-1874.

127 SALGUEIRO, Valéria. “Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura”. *Revista Brasileira de História*. Volume 22, n. 44. São Paulo, 2002.

pela história e o turista aquilo que foi descoberto pela indústria e especialmente preparado pela publicidade.”¹²⁸

Como coloca Valéria Salgueiro, em seu artigo *Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura*, os primeiros fluxos de viagens do século XVIII por puro prazer, originários dos movimentos de turismo cultural e de lazer que vemos hoje, eram organizados sob a égide da categoria do *Grand Tour*. Esse vem como um grande divisor de águas, pois traz a conotação de viagens em busca de deleite e emoção, aprimoramento pessoal e apreciação estética. Em paralelo, elas

começaram a acontecer em escala crescente exatamente quando o centro irradiador do desenvolvimento capitalista - a Europa - acelerou seu curso de desenvolvimento baseado na indústria e na racionalização do trabalho, ao qual estivera, sempre ligados os conceitos de tempo livre e de ócio, em oposição ao tempo do trabalho¹²⁹.

Desta forma, as viagens de prazer, aristocráticas por natureza, acabam ligadas ao que buscam se opor, o mundo do trabalho. O *grand tourist* é um novo tipo de viajante, que surge no século XVIII, em meio às transformações da Europa do Iluminismo e da Revolução Industrial. Ele tem como diferencial dispor de tempo e de recursos financeiros para viajar por puro prazer e amor à cultura. É com essa categoria que Soledad se identifica, ela quer ser considerada uma grande viajante, não apenas uma passante de turismo de massa.

Soledad Acosta de Samper, a viajante

Soledad Acosta de Samper (1833-1913), originária de Bogotá na Colômbia é um exemplo do silenciamento historiográfico, que regala às mulheres certo papel de invisibilidade¹³⁰. Por mais que a escritora tenha uma produção considerável que perpassa a literatura e a historiografia, é posicionada à margem da história da literatura colombiana, como coloca Montserrat Ordóñez¹³¹. O paradoxo desta figura

128 SERRANO, Sónia. *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China Edições, 2014. p. 24.

129SALGUEIRO, Valéria. Op. cit. p. 2.

130 SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Rev. Bras. Hist.*[online]. 2007, vol.27, n.54, pp.281-300.

131 ORDÓÑEZ, Montserrat. *Prólogo Género, escritura y siglo XIX en Colombia: releyendo a Soledad Acosta de Samper*. Bogotá: 2000. In: SAMPER, Soledad Acosta de. *Novelas y cuadros de la vida suramericana*. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana: Uniandes, 2004.

histórica reside no fato de que por mais que tenha contribuído de forma significativa para o pensamento latino-americano, há uma dificuldade de acesso às suas obras. Uma das possíveis explicações seria a falta de interesse de editoras e centros de pesquisa em socializar suas produções, por exemplo¹³².

Refletir sobre os estudos de gênero, tendo em vista os espaços ocupados pela mulher, é um movimento importante dentro do contexto atual, em que estamos inseridos, de discussão da atuação das ditas minorias sociais. Afastando-se do momento presente e lançando olhar para o final do século XIX, nos interessa pensar a transformação da mentalidade à época, diante de categorias cristalizadas, do que se encaixaria na dita normalidade. Em a História da sexualidade I: a vontade do saber¹³³, Foucault discute a articulação e estruturação de parâmetros de normalidade e os seus opostos, o que constitui os desvios da norma e assim, recupera as ações do biopoder, e constituem-se como objetos do saber e do poder. A associação entre poder e saber é o mecanismo do biopoder para a produção de verdades. Para fundamentar esta discussão, o autor refere-se à era vitoriana, a partir da qual a ação sobre os corpos se demonstra mais evidente. Concomitante a esse processo, há um processo de racionalização deste corpo que agora deve atender às novas demandas do mercado, uma lógica de funcionamento pautado pelo tempo do relógio, da produção industrial. Um corpo que deve ser produtivo e, portanto, otimizado e disciplinado. Tal corpo acaba por estar alinhado com essa nova concepção de tempo que a Revolução Industrial traz. Um tempo que não é mais comandado pela natureza, mas reorganizado por esses novos parâmetros.

A Mulher, desta forma, se encaixa em uma série de demandas de um corpo que disciplinado, deveria ocupar espaços específicos de acordo com o seu grupo social e o seu contexto histórico. No caso de Soledad Acosta de Samper, objeto de estudo deste artigo, a circulação dessa mulher burguesa letrada por espaços tidos como masculinos, marca a existência de zonas de negociação desses papéis de gênero, quebrando a perspectiva de mulheres extraordinárias, fora de seu tempo e contexto. Portanto, a leitura necessária é entender o próprio grupo social de

132 LIMA, Adriane Raquel Santana de. Educação para mulheres na América Latina: uma análise decolonial dos escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper. 38a Reunião Nacional da ANPEd. São Luís: UFMA, 2017.

133 FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

mulheres viajantes letradas, do qual Acosta de Samper fazia parte. Levando-se em consideração o trabalho de Miriam Lifchitz Moreira Leite, em seu artigo *Mulheres Viajantes do século XIX*, de algum modo, estas mulheres ameaçam a norma ao adentrar um terreno entendido como masculino. Tendo em vista os relatos femininos, coloca que

A principal semelhança entre os livros das mulheres viajantes é a grande capacidade de observação, que ultrapassa as diferentes circunstâncias singulares e as diferentes situações pessoais e políticas que enfrentaram, através do século XIX. Sejam elas modistas, que vinham “fazer a América”, turistas, jornalistas, professoras, acompanhantes ou cientistas, provenientes dos países europeus ou dos Estados Unidos, todas têm grande cuidado e atenção às condições da vida do dia a dia, quando comparam situações vividas, no local de origem, com aquelas que procuram descrever e interpretar.¹³⁴

Em suas andanças, Acosta de Samper se vale dessas estratégias, escreve a relação construída com as paisagens espanholas, como se o contato com os espaços históricos pudesse acender-lhe ascender-lhe memórias: “me parecia sonhar cuando resonaban en mi oído esos nombres históricos que evocaban tantos hechos magnos de nuestros antepasados”¹³⁵. Há um olhar para esse passado em comum com a Espanha, algo que ela enquanto colombiana compartilha com a antiga Metrópole.

Por outro lado, é necessário, pensar as tensões entre a circulação pelos espaços que estas mulheres viajantes vivenciaram, é necessário para entender o jogo entre público e privado, masculino e feminino. Como coloca a historiadora Stella Maris Scatena Franco, em seu artigo *Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*:

A tensão entre reiteração de concepções convencionais e a quebra de alguns protocolos também se fez evidente em temas como a circulação pelos espaços, a colocação das mulheres no mercado de trabalho, a incursão no mundo das letras e os posicionamentos políticos. Tentavam manter um equilíbrio, no limite, bastante instável, e que às vezes parecia pender, se não para uma ruptura, ao menos para um deslocamento dos comportamentos e noções usuais.¹³⁶

134 LEITE, M. L. M. . *Mulheres Viajantes no Século XIX*. Cadernos Pagu , Campinas/UNICAMP, v. 15, p. 129-143, 2000. p. 134.

135 ACOSTA DE SAMPER, Soledad. Op. cit. p. 104.

136 FRANCO, Stella Maris Scatena. *Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina**. Cad. Pagu[online]. 2017, n.50, e175016. Epub Sep 28, 2017. p. 20.

São essas negociações de poderes e espaços, que acabam municiados por tensões, que nos interessa pensar nessa circulação de pessoas e saberes. No caso da colombiana Soledad Acosta de Samper, a sua circulação entre mundos, como a Colômbia, Espanha e França, em suas viagens, levanta a questão da circulação de ideias. Entre o local e o global, o conhecimento se estrutura em rede ao lado dos lugares do saber. Como coloca Ricardo Salvatore, em sua obra *Los lugares del saber - contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno*:

Es que las relaciones entre contextos locales y flujos transnacionales de saberes no resultaban totalmente explicitadas en el momento del “encuentro” entre locales y visitantes. Se trataba más bien de un conjunto de situaciones que involucraban actividades y dispositivos muy variados: de la traducción a las agencias culturales de los imperios; de los peregrinajes académicos de jóvenes científicos al uso de los diseños coloniales o tercer-mundistas; de impugnaciones de humanistas locales al intelectual europeo a la circulación de representaciones geográficas y de fósiles¹³⁷.

Além de pensar a questão da circulação de saberes, para se entender os relatos de viagem, deve-se lançar mão de uma abordagem multidisciplinar, diante dos limites da representação. Os relatos de viagem captam elementos do cotidiano, mais do que a experiência em si, eles apontam formas de representá-las.

Tendo em vista o debate da escrita feminina e sobre a produção de uma memória a partir da mesma, discutimos dois trabalhos de referência, os de Roger Chartier, *Diferenças entre os sexos e dominação simbólica* e Michelle Perrot, *Práticas da Memória Feminina*. A historiadora aponta a necessidade de se trazer a memória feminina para o campo historiográfico e critica a deficiência de registros privados em que aqueles que escrevem a História não falam sobre as mulheres. Diante do silêncio dos arquivos, ela coloca que

como a leitura, a escrita é frequentemente um fruto proibido para as mulheres. [...] Uma certa culpabilidade decorre dessa transgressão

137 SALVATORE, Ricardo D. (Org.) Introducción. *Los lugares del saber*. In: *Los lugares del saber. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno*. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2007. p. 16-17.

de um domínio sagrado. Dessa parte secreta dela mesma, desse pecado que foi gozo, não serão deixados vestígios.¹³⁸

Isto posto, a autodestruição se constitui como uma forma de adesão ao silêncio diante desse interdito. Acerca de uma especificidade sobre a memória feminina, a autora descarta uma explicação biologizante e fundamenta que

as práticas sócio-culturais presentes na tripla operação que constitui a memória - acumulação primitiva, rememoração, ordenamento da narrativa - está imbricada nas relações masculinas/femininas reais e, como elas, é produto de uma história.

Forma de relação com o tempo e com o espaço, a memória, como a existência da qual ela é o prolongamento, é profundamente sexuada.¹³⁹

Partilhando da mesma discussão de Perrot sobre a história das relações de gênero, Chartier examina o exemplo da escrita feminina, tendo como recorte temporal os séculos XVII ao XIX, elenca alguns elementos que considera característicos desta escrita: a não identificação verdadeira de autoria e o diálogo com um público restrito, entendido como cúmplice.

Razões significativas (sociais, éticas, jurídicas) explicam porque as mulheres que enveredaram pela escrita se conformaram, em grande maioria, a convenções e usos mais conformes com sua posição marginal e dominada, do que às normas da edição para o mercado. Isso não implica descrever estas convenções e seus usos como qualificantes, na sua diferença radical, uma originalidade feminina.¹⁴⁰

Enveredando pelo campo da dominação simbólica, com o qual Roger Chartier trabalha, é importante compreender a reiteração das normas pelas mulheres, pensando o objeto de estudo, como construído em meio a um emaranhado de relações, em que práticas e discursos se intercambiam. Assim, “longe de afastar do ‘real’ e de só indicar figuras do imaginário masculino, as

138 PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. A Mulher e o espaço público. In: Revista Brasileira de História 18. ANPUH/Marco Zero, 1989. p. 12.

139 PERROT, Michelle. Op. cit. p. 18.

140 CHARTIER, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica" (nota crítica). Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 4, p. 37-47, 1995. pp. 38-39.

representações da inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros.”¹⁴¹

Diante desses elementos, vale pensar como Soledad Acosta de Samper é representante por um lado da exceção da forma como as mulheres trabalham, pois identifica a autoria em suas produções literárias que ultrapassam o campo dos relatos de viagem, tendo como exemplares biografias históricas, manuais didáticos, entre outros. Mais do que isso, a sua produção à época é reconhecida, a ponto de ser a única representante da delegação da Colômbia no encontro de comemoração do Quarto Centenário da Conquista da América, em 1895. Por outro lado, Acosta de Samper joga com o que é esperado que uma mulher faça em seu cotidiano, como boa católica deixa transparecer sua religiosidade em seus escritos e aponta uma certa fragilidade por ser mulher em determinadas situações. Ela aponta qual a função social que a mulher tem exercido e aponta para um devir, escolhido pela Divina Providência, que não tem se realizado por falta de possibilidades.

La mujer del siglo que expira ha transitado por todas las veredas de la vida humana; ha sabido dar ejemplos no solamente de virtud, de abnegación, de energía de carácter, sino también de ciencia, de amor al arte, de patriotismo acrisolado, de heroísmo. Pero aún le falta mucho por cumplir la misión salvadora que le tiene señalada la Divina Providencia, y si deseamos hacerla comprender e instruirla en lo que se aguarda de ella, conviene enseñarle el camino que han llevado otras para que sepa escoger el que concuerde mejor con el carácter especial de cada una.¹⁴²

Desta forma, se envolve nesse jogo de tensões, de reiteraões e quebras de protocolos como bem colocou Scatena Franco, ora aderindo a um discurso, ora relativizando-o. Afinal o que está em jogo não é tão somente a vontade das viajantes em si, mas o código de conduta e moral das sociedades das quais elas pertencem e pelas quais elas circulam. A participação delas no jogo social se articula de modo mais complexo, tendo em vista as camadas de interação e circulação de saberes.

141 Idem, ibidem. p. 41.

142 ACOSTA DE SAMPER, Soledad. “Aptitud de la mujer para ejercer todas las profesiones. Memoria presentada en el Congreso Pedagógico Hispano-Lusitano-Americano reunido en Madrid en 1892” Revista de Estudios Sociales. no.38. Bogotá: Jan./Abr. 2011. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0123-885X2011000100014.

Travel writing e as Mulheres

Os relatos de viagem voltaram à tona na contemporaneidade, sendo desenvolvidos em outros formatos e com outras intenções, porém vale pensar como eles foram por muito tempo relegados à categoria de baixa literatura. Apenas no final século XX, a escrita de viagem foi recuperada como possibilidade de fonte de pesquisa, principalmente, entre os historiadores. Viagens e viajantes tornam-se centrais nesse contexto. Por muito tempo, elas foram consideradas como fontes fidedignas, o que trouxe uma série de estereótipos culturais para as produções historiográficas. Por outro lado, foram entendidas como falaciosas por outros.

Jam Borm propõe que a escrita de viagem não é um gênero, mas a compilação de textos, predominantemente ficcionais e não ficcionais, tendo viagem como tema principal. Ele sugere que as técnicas utilizadas em sua maioria são do campo ficcional, apontando que o travel writing se apropria das estruturas do romance e da autobiografia, extrapolando-as¹⁴³. Para Hyggan, a construção literária da persona e a criação de um background moral são próximas das estratégias de ficção. O travel writing se coloca desta forma como veículo de transmissão e consolidação do discurso colonial ou pode ser um veículo de interrogação do etnocentrismo¹⁴⁴.

Tendo em vista o caso da viajante Soledad Acosta de Samper, é importante pensar a visão especular que consta nos seus relatos, pois eles falam mais dela do que do lugar visitado. Como colocou a historiadora argentina Carolina Depétris, em seu trabalho “La escritura de los viajes: del diario cartográfico a la literatura.”¹⁴⁵, o relato de viagem encontra pontos de tensão com a perspectiva literária, por um lado, ao se pensar a narrativa pessoal/ autobiografia, e por outro, a ciência e a viagem. Há um caráter autobiográfico no gênero, trazendo uma retórica de factualidade, autenticidade e objetividade. Entre os séculos XVIII e XIX, nota-se uma demanda de realidade, que é cunhada como um “efeito de realidade”. Dentre as características do gênero, o que a autora destaca como função do relato é a construção do conhecimento científico e confiável sobre uma região de mundo inexplorada ou

143 BORM, Jam. “Defining travel: On the travel book, travel writing, and terminology.” In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

144 HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (Org.) Introduction. In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

145 DEPÉTRIS, Carolina. La escritura de los viajes: del diario cartográfico a la literatura. Serie Viajeros, Colección Sextante. Mérida: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

pouco conhecida, a fim de transmitir tal conhecimento. Por meio das palavras, constrói-se uma geografia, um mundo; o que é considerado como um problema por Depétris. Pois, constrói-se um mundo real por meio de uma ferramenta polissêmica como a linguagem. Diante da questão da autobiografia, Carolina Depétris coloca que o viajante é um ser que diz aquilo que considera a verdade, uma construção feita por meio de palavras sobre si mesmo. Ele é o personagem principal, tornando-se o herói da sua própria história.

Outra característica interessante é que há uma construção de nacionalidade nos relatos de viagem. Narrado com uma voz objetiva e impessoal, os relatos de viagem de Soledad Acosta de Samper trazem a autora como uma viajante erudita, conhecedora da história local, descrevendo lugares e relatando acontecimentos, embasando seus escritos com citações de historiadores e outros viajantes.¹⁴⁶ Estes conhecimentos são de certa forma algo que a autoriza a comparar distintos Estados-nação. Um dos pontos em que reside a peculiaridade do seu relato está o fato de que coloca a Espanha como um lugar de atraso, em termos culturais e morais, diante da Colômbia e de outros países europeus.

Quizás se me tachará de asaz retrógrada y necia porque me complazco en referir las leyendas y recordar las costumbres de otros siglos en España. Pero a esto podría contestar que no hice viaje a la Península hispánica en busca de novedades, sino al contrario, mi deseo era contemplar los monumentos antiguos y estudiar sur place lo que había quedado de las épocas pasadas.¹⁴⁷

Em diversos trechos, Soledad Acosta de Samper realiza críticas à antiga mãe-pátria, pontuando que esta partilha de características que a colocam em meio à barbárie, decepcionando-a. Ela parte da premissa de discussão da dicotomia entre civilização e barbárie, proposta por Domingos Sarmiento¹⁴⁸.

Pero hay en Santiago costumbres que chocan al extranjero y que afean los hermosos monumentos artísticos que allí se encuentran, y

146 HINCAPIÉ, Luz. Soledad Acosta de Samper en el cuarto centenario de América. Revista Credencial Historia. Edición 213. Bogotá, 2007. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/septiembre2007/soledadacosta.htm>

147 ACOSTA DE SAMPER, Soledad. Viaje a España en 1892. Bogotá: Imprenta Antonio María Silvestre, 1893.

148 SARMIENTO, Domingo Faustino. Facundo ou Civilização e Barbárie. Trad. e notas de Sérgio Alcides; prólogo de Ricardo Piglia; posfácio de Francisco Foot Hardman. São Paulo: Cosac&Naify, 2010.

es la espesa capa de polvo que todo lo cubre, la basura e inmundicia que impide paso, el hábito arraigado de no barrer jamás, y la multitud de mendigos, que son más numerosos aún que en las Castillas. Estos asaltan al viajero á cada paso, le interrumpen, le importunan, le asedian, le interpelan, le apremian, le tienden las manos, le dan voces y se interponen entre él y cada objeto que quiere contemplar; le siguen y rodean, le llaman por todas partes, se presentan á la vuelta de cada esquina, le impiden la entrada de las iglesias y le quitan el placer que le causa recorrer aquella curiosísima ciudad.¹⁴⁹

A Espanha não decepciona apenas a autora, mas acaba por ser o foco das reclamações de outros viajantes, que a enxergam como o lugar do atraso. Estamos diante de um contexto de decadência dos países da península ibérica, Portugal e Espanha, em meio aos processos históricos posteriores às independências de grande parte de suas colônias.

A historiadora Maria Teresa Santos Cunha levanta questionamentos importantes sobre o trabalho com as fontes, ressaltando a especificidade dos diários pessoais, o que exige do pesquisador um exercício de análise e interpretação distintas, já que esses relatos estabelecem relações entre a memória e as experiências vividas. Tal interpretação acaba por dialogar com os diários de viagem.

Como ferramenta de uso social, a escrita pode salvar do esquecimento ao fixar no tempo vestígios de passados e, assim, escrever se constitui uma forma de produção da memória e, por conseguinte, em instrumento de construção do passado.[...] hoje a dimensão das fontes históricas dos diários pessoais constitui-se em ação para dotar de significado esses documentos que foram durante muito tempo desconsiderados por historiadores envolvidos com modalidades de História 'racionalis', ditas científicas, não emotivas, inauguradas pela modernidade.¹⁵⁰

Nesta mesma perspectiva, podemos pensar a argumentação de Michelle Perrot que assinala que devemos levar em consideração nestes escritos, não só a sua conjuntura histórica, mas o meio social do qual emergem. Afinal, muitas dessas correspondências, diários íntimos, memórias e relatos encontram-se no seio do espaço privado e familiar,

149 Idem, *ibidem*. p. 154.

150 CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). *Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012. p. 252.

[...] embora sejam testemunhos insubstituíveis, nem por isso constituem os documentos ‘verdadeiros’ do privado. Eles obedecem a regras de boas maneiras e de apresentação de uma imagem pessoal que regem a natureza de sua comunicação e o estatuto de sua ficção.¹⁵¹

Afinal, há um código de conduta e moral a ser preservado, respeitado e reiterado, diante dessas mulheres que apenas por produzirem a escrita estão abalando esse código de valores e precisam de alguma forma compensar o pender da balança. Diante dessa ótica, é necessário pensar os paradoxos dos discursos das mulheres, em meio ao contexto sócio-histórico em que estão inseridas, como coloca Stella Maris Scatena Franco:

[...] se por um lado, viviam certos constrangimentos sociais e se enredavam a uma determinada tessitura comum de uma minoria excluída dos mecanismos oficiais do poder, por outro, eram brancas e das elites, sendo seus enunciados frequentemente afetados por esse lugar social.¹⁵²

Tal relação paradoxal que nos aponta Scatena Franco deve ser levada em consideração, pois lançamos olhar sob um nicho específico, que são essas mulheres brancas de elite, que além destes privilégios sociais são letradas e conseguem ultrapassar certos constrangimentos sociais para trazerem os seus escritos a público.

Em diálogo com esse pensamento, Benedict Monicat aponta para as ambiguidades do discurso feminino em relação à cultura imperial. Por vezes, defendendo valores ditos da civilização, reforçando um discurso central e dominante; porém, em outros momentos, criticando-o, ao perceberem que estão às margens desse centro.

Etant femmes, les voyageuses sont dans la marge de la féminité infériorisée, mais étant voyageuses, elles s’en distinguent et se rapprochent du centre où règne la valorisation du masculin. Devant de cet Autre qu’elles découvrent... elles se situent au centre. Cependant, tout en s’en rapprochant, elles

151 PERROT, Michelle. (org.) A história da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (Coleção A História da Vida Privada, v. 4) São Paulo: Companhia de Bolso, 2012. p. 10.

152 FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. São Paulo, 2017. p. 209.

demeurent Autres, voyageuses et non voyageurs, et ne peuvent pas accomplir une identification totale avec les discours dominant [...] Les voyageuses se trouvent dans des positions dominantes et dominées, s'identifiant à l'Autre et se différenciant de L'Autre dans les relations de pouvoir que le récit de voyage met en scène.¹⁵³

Os relatos de viagem acabam por se afastam-ser da norma e trazer olhares distintos sobre as relações sociais e a possibilidade de enxergar desigualdades. Neste campo, o relato de viagem feminino, é marcado pelas bordas soltas dessa categoria fluida, que não consegue ser fechadas em um grupo, apesar de partirmos da premissa de que se trata de um material produzido em primeira pessoa, factual, sobre a jornada pela qual o autor passou. Além das fronteiras borradas da categoria, temos o jogo de forças e poderes em volta da questão do papel da mulher enquanto escritora e sujeito histórico. Soledad Acosta de Samper é um exemplo desse campo fluido da escrita que perpassa a experiência pessoal em forma de relato em conjunto com informações históricas dos lugares por onde passa legitimadas pela citação de historiadores e estudiosos. Por outro lado, ela borra as fronteiras de gênero ao atuar em espaços tidos como masculinos, reiterando por outro lado, a sua função social como mulher.

Bibliografia

ACOSTA DE SAMPER, Soledad. Viajes, Peregrinaciones en Francia. Biblioteca Nacional da Colombia: Bogotá, 1861-1874.

_____. Viaje a España en 1892. Bogotá: Imprenta Antonio María Silvestre, 1893.

BORM, Jam. "Defining travel: On the travel book, travel writing, and terminology." In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

153 MONICAT, Bénédict. Itinéraire de l'écriture au féminin. Voyageuses du 19e siècle. Amsterdam: Editions Rodopi, 1996.

CHARTIER, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica" (nota crítica). Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 4, p. 37-47, 1995.

CUNHA, Maria Teresa. Diários pessoais: territórios abertos para a História. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de. (orgs.). Historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2012.

DEPÉTRIS, Carolina. La escritura de los viajes: del diario cartográfico a la literatura. Serie Viajeros, Colección Sextante. Mérida: Universidad Nacional Autónoma de México, 2007.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Viagens e relatos: representações e materialidade nos périplos de latino-americanos pela Europa e pelos Estados Unidos no século XIX. São Paulo, 2017.

_____. Viagem e gênero: tendências e contrapontos nos relatos de viagem de autoria feminina*. Cad. Pagu[online]. 2017, n.50, e175016. Epub Sep 28, 2017.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977. pp. 93-94.

HINCAPIÉ, Luz. Soledad Acosta de Samper en el cuarto centenario de América. Revista Credencial Historia. Edición 213. Bogotá, 2007. Disponível em: <http://www.banrepcultural.org/blaavirtual/revistas/credencial/septiembre2007/soledadacosta.htm>

HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim (Org.) Introduction. In: HOPER, Glenn & YOUNGS, Tim. Perspectives on travel writing. Londres: Ashgate, 2004.

LEITE, M. L. M. . Mulheres Viajantes no Século XIX. Cadernos Pagu , Campinas/UNICAMP, v. 15, p. 129-143, 2000.

LIMA, Adriane Raquel Santana de. Educação para mulheres na América Latina: uma análise decolonial dos escritos de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper. 38a Reunião Nacional da ANPEd. São Luís: UFMA, 2017.

MONICAT, Bénédicte. Itinéraire de l'écriture au féminin. Voyageuses du 19e siècle. Amsterdam: Editions Rodopi, 1996.

ORDÓÑEZ, Montserrat. Prólogo Género, escritura y siglo XIX en Colombia: releendo a Soledad Acosta de Samper. Bogotá: 2000. In: SAMPER, Soledad Acosta de. Novelas y cuadros de la vida suramericana. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana: Uniandes, 2004.

PERROT, Michelle. (org.) A história da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. (Coleção A História da Vida Privada, v. 4) São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

_____. Práticas da Memória Feminina. A Mulher e o espaço público. In: Revista Brasileira de História 18. ANPUH/Marco Zero, 1989. p. 12.

PRATT, Mary Louise. Os Olhos do Império. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: EDUSC, 1999.

SAID, Edward. Cultura e Imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SALGUEIRO, Valéria. "Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura". Revista Brasileira de História. Volume 22, n. 44. São Paulo, 2002.

SALVATORE, Ricardo D. (Org.) Introducción. Los lugares del saber. In: Los lugares del saber. Contextos locales y redes transnacionales en la formación del conocimiento moderno. Buenos Aires: Beatriz Viterbo Editora, 2007. p. 16-17.

SERRANO, Sónia. *Mulheres Viajantes*. Lisboa: Tinta da China Edições, 2014.

SOIHET, Rachel; PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da história das mulheres e das relações de gênero. *Rev. Bras. Hist.[online]*. 2007, vol.27, n.54, pp.281-300.